

“Estou aqui porque chorei”

Lembro-me perfeitamente do primeiro dia em que ele apareceu em meu consultório. Eu havia acabado de abri-lo, literalmente. Ele foi meu primeiro paciente e, por ser o primeiro, eu sentia muita insegurança. Ainda estava no período de amnésia das aulas até há pouco assistidas, dos livros até há pouco lidos. Aquela sala branca, vazia de experiências, de vivências, de móveis também. As paredes ainda estavam com o cheiro da tinta que eu acabara de pintar. Tudo era novo, tudo esperava algo, algumas aventuras, alguns aventureiros. Eu tinha apenas uma escrivaninha com uma cadeira no canto da sala onde eu deixava meu computador, uma estante com muitos espaços vazios e poucos ocupados por alguns livros, uma poltrona ao lado de um divã e um aparador com um abajur. Ah! E um relógio grande de parede, desses que o maquinário faz um barulho infernal quando há silêncio. Precisava dar um jeito de arrumar um mais silencioso. Nem o quadro que havia comprado no dia anterior estava em alguma parede. Muitas coisas por fazer ainda, mas a

ansiedade tomava conta de mim. Após ter sentado em todos os lugares possíveis, ter feito tudo o que me permitiria fazer sozinho, só faltava alguém muito importante naquela sala: um paciente. E então ele chegou.

Estava bem inquieto e com um olhar curioso, parecia ser sua primeira vez. E realmente era. Por ser a primeira consulta nos apresentamos formalmente mesmo. Pedi para que ele se sentasse no divã e após algumas informações como nome, idade, com quem trabalhava, pedi que me dissesse o porquê de querer se tratar.

— Quero me tratar porque chorei, doutor. Quem me conhece há um bom tempo sabe que é muito difícil eu chorar, mas ontem chorei. Chorei por pena de mim mesmo, tornei-me no que me tornaram. E não quero sugerir paráfrase alguma de “Quando Nietzsche chorou”, por exemplo, só quero me tratar. Gosto muito de palavras, de pessoas, de Nietzsche (risos), mas sinto que só as palavras me entendem. Mesmo que não o fizesse, creio que ao menos me respeitariam por ter a coragem de ser eu mesmo, coisa que algumas pessoas não têm para comigo. Mas gosto delas mesmo assim, ou ao menos quero gostar.

Ele me disse ter um *blog* e havia postado um texto antes de ir ao meu consultório. Perguntei sobre o que era o *blog* e ele disse que no início era apenas para postar seus poemas, mas que começou depois a escrever contos e textos também. Levantei-me, fui até minha escrivaninha, peguei meu computador e pedi que ele me mostrasse o texto. Em poucos cliques e digitações virou para mim a tela.

— Postei hoje, doutor, antes de vir para cá:

“Pedido de desculpas antecipado...”

Bom, quero ser alguém melhor, por isso já vou logo pedindo desculpas por algumas coisas.

Houve um tempo em que eu era o que gosto de ser e creio ter nascido para: tolerante. Tolerava pessoas, gostos, preferências, ideologias, tudo. Era fácil. Me deparei com a dificuldade de levar isso à frente quando as pessoas, gostos e tudo mais começaram a bater de frente comigo. E não batiam por bater, batiam porque gostam de bater e observar o opositor caído. Mudei. Fui de tolerante a intolerante com os que não toleram. Virei isso. Tenho pena de mim mesmo de ter virado isso.

Eu sempre amei as pessoas, suas ideias, suas formas de pensar. Tudo o que é único eu aprecio. Posso não concordar ou gostar daquilo, mas aprecio por ser único. Gosto do ser humano, talvez porque eu o seja (ou tente). Quando tentaram tirar minha humanidade, eu revidei. Identifiquei a única coisa que desrespeito: o desrespeito. Sabe o momento em que alguém te pergunta algo já julgando o que você ainda vai falar? Ou seja, você nem disse e já estão definindo e interpretando isso. Não se importam com o que você diz, quando diz, como diz, onde diz ou porquê diz. Aliás, não se importam com você. Vejo-me o produto de pessoas que só observam a superfície de outras. Me tornei superficial. Ninguém se interessa pelas coisas que estão dentro de mim e, se antes eu me interessava por outrem, hoje não mais, também. Isso é horrível. Estou perdendo minha humanidade por conta dos humanos. Humanos esses que eu não me achava melhor que, mas que me moldaram a achar porque eles acham isso.

Tenho amigos, amigos mesmo, que nunca leem minhas postagens, textos que escrevo, veem vídeos que publico, mas se posto algo que eles discordam, logo pelo

título rebatem. Gente assim não é gente. Querem tirar todo seu direito de dizer o que acha, até porque eles ignoram o que você acha. O texto que escrevi como interpretação de uma postagem, por exemplo, nem leram! Estavam interessados em impor seus pensamentos. Impor suas vidas tão errantes quanto a minha em mim. Pessoas que acreditam que a certeza deles é a de todos. Que estado chegamos, seres!

Meu cachorro respeita mais meus pensamentos do que esses seres. Ele sim, é o melhor amigo do homem. E dizem ser irracional, vai entender! Só sei que meu pedido de desculpas é por saúde, preciso me afastar por um tempo de pessoas que me moldam para ser como elas, desrespeitosas para com a particularidade dos outros. Quero ouvir gente não importando se concordo ou não com elas, quero ouvi-las. Pra isso vim pra cá! Tenho certeza disso.

Aos que fizeram de mim, o que não gostava de determinada música, porém respeitava, virar um cara que não suporta ouvir sequer falar dela, já perdoei faz tempo. Infelizmente são pessoas que não me são saudáveis, pois enquanto quero conversar com o mundo, entendê-lo

como ele é, elas só querem convencê-lo e impor o jeito delas observarem as coisas. De seres assim o mundo não precisa. Seres humanos precisam ser humanos.

Quero errar, quero acertar, quero fazer tudo o que tenho pra fazer e quero fazer. Não me venha com doutrinas, cartilhas ou dogmas (toma essa Lars Von Trier) que servem pra você. Me deixe observar o mundo do jeito que você não pode ver porque não tem os meus olhos. Me deixe, por favor!

É por amar demais as pessoas e suas particularidades que estou assim, desamando. Minha morte será o dia em que eu não permitir ninguém de dizer suas besteiras e suas genialidades, de ser ela mesma.

Espero que me entendam. Encarem como um tratamento.

Quero tornar a ser o ser que não era compreendido e que a única coisa que não ligava era isso, sendo que a coisa que mais ligava era compreender os outros.

De vocês, caros humanos, só peço respeito, mas se for muito difícil, indiferença. Nasci gostando de ver o mundo como os outros veem, achando bela a unicidade.

Ainda que babaca, peço desculpa aos egocêntricos e egoístas por opção. Me deixem em paz! Obrigado.”

Ao terminar de ler, pensei: caramba! Meu primeiro paciente e já era um com problemas existenciais. Fiquei eufórico, como um policial que sonha em ter um grande caso. Pronto para começar minha investigação psicanalítica, perguntei-lhe o porquê de ter escrito aquele texto.

— Creio que tenha sido o início do meu tratamento, ao menos com as palavras, doutor. Preciso pedir desculpas por me afastar de quem me faz mal. Meus pais me ensinaram a pedir desculpas pra qualquer um, mesmo que seja alguém que me fez mal e que, não me pediu desculpas. Creio que não vive, quiçá de forma saudável, quem se apega a pequenice desse tipo.

Seu modo de falar exprimia autenticidade. Não havíamos tido nem meia hora de conversa e eu já tinha a certeza de nunca ter conhecido alguém como aquele rapaz. Por estar sentado no divã ele me olhava nos olhos, como se quisesse ver através deles. Intimidava. Às vezes desviava o olhar, mas era apenas descanso de sua

concentração. Depois de uma breve pausa, creio que diante do meu silêncio externo, continuou.

— Penso que preciso dizer-te o que quero voltar a ser, né? Pois, então: eu sempre amei pessoas, ouvi-las, conhecer como elas pensavam, olhar com os seus olhos. Eu era assim. Gostava de conversar com senhores, crianças, adolescentes, todo ser que consegue pensar autonomamente. Ainda sou assim, mas com algumas diferenças.

— Que tipo de diferenças?

— Teve um momento que eu não sei exatamente qual foi da minha vida que comecei a pensar muito. Refletia acerca do que me falavam, do que eu via, também tudo o que eu falava. Logo eu chegava às minhas próprias conclusões com bastante frequência. Creio que isso assustou algumas pessoas. Enquanto não era comum alguém tão novo pensar em algumas coisas não porque leu em algum lugar ou ouviu alguém falar, mas parou para refletir, eu estava fazendo isso.

Ele tinha na época dezenove anos. Estava com uma camiseta branca, uma calça *jeans* escura aparentemente nova, um óculos estilo Woody Allen e uma bota meio

caramelo, eu acho. A forma como se expressava demonstrava que já era daquele jeito há um tempo. Suas ideias não pareciam formuladas na hora, mas algo que havia sido profundamente refletido. Era uma espécie de bom livro com uma capa comum. Se suas ideias não fossem apresentadas a quem estivesse à sua frente ele não chamava atenção alguma. Ao menos para mim.

— Quando você diz que assustou algumas pessoas, o que isso quer dizer?

— Isso fez com que pessoas que foram criadas em berços de onde “a verdade provém” quisessem cortar minhas asas, doutor. Logo eu que curtia deixar as asas de todos intactas.

Acabamos por rir juntos, o que conduziu-me a corrigir isso. O entusiasmo do “primeiro paciente” deveria ser extinto. Onde eu pensava estar, num bar com os amigos? Estava ajudando alguém a se encontrar, precisava levar isso a sério, apesar de o paciente em questão ser engraçado às vezes. Comecei então a ser duro comigo mesmo, o que refletia involuntariamente no meu tratar com ele.

— Então doutor, eu curto deixar as asas dos outros intactas justamente por ver beleza nisso. Por ser esse meu senso de justiça também. Porém, começaram a não só se posicionar contra algumas coisas que eu dizia, mas a tentar me convencer de que eu estava errado. Certo e errado são muito subjetivos, não é doutor?

— De fato.

— Encarei isso como uma acefalia egocêntrica tão aguda que comecei a odiar essas atitudes, mas depois seus “autores”. Pessoas que odeiam pessoas, eu me tornei igual a elas por conta delas mesmas. Por mais que achasse nobre odiar o ódio de alguém que odeia os outros por serem eles mesmos, ainda assim era ódio. Corróia-me a cada dia. Eu me tornava cada vez mais frio, intolerante com tanta intolerância, principalmente para comigo. Virei o que virei por conta dos outros mesmo, os que não se importavam comigo, apenas com a possibilidade d'eu ser dos seus times e pensar como eles.

Ele realmente se fazia de vítima, aliás, quem não se faz quando conveniente? Mas era vítima também, como todos nós. Sua oscilação de voz demonstrava isso. Ora falava baixo, ora mais alto, parecia irritado e magoado ao

mesmo tempo. Ele vendia a si mesmo e quis começar vender a mim o seu sensacionalismo. Eu como médico, no entanto, deveria me manter o mais indiferente possível, analisar criticamente seu caso. O fato de eu gostar de poesia poderia atrapalhar, ele se tratava muito como poeta. Não posso discordar, realmente o era. Tive oportunidade de ler seus poemas posteriormente, eram bons até.

— Eu passei a ver as pessoas superficialmente, como elas me viam. Ninguém se interessava por um texto que eu escrevia, a minha interpretação ou reflexão sobre algo. Se importavam apenas com uma frase ou 140 caracteres de uma ideia “polêmica”.

— Você tem um grande ego, falta-lhe tratar seu superego. Você deve discernir para o que você precisa ligar e para o que não precisa, alguns pensamentos devem ser interrompidos. Para sua própria saúde você precisa conhecer os limites dela! Precisa descobrir isso para viver melhor.

Ele me olhava como quem prestava muita atenção no que ouvia e também refletia sobre simultaneamente. Nos aproximávamos de uma hora de conversa. Não que eu tivesse pacientes depois, coisa que eu não tinha mesmo,

mas para uma primeira consulta o tempo foi tomado de forma tão completa que, ao mesmo tempo que parecia bom, parecia assustador também. Era um emaranhado de pontos e questões.

— Sabe doutor, eu sinto que a discriminação originada do preconceito reina. Aliás, analiso o preconceito como algo normal do ser humano.

Eu também penso como ele. Você começou a ler esse livro, por exemplo, porque pré-conceituou algo a respeito dele. Algo que é subjetivo lhe fez começá-lo, pois saiba você que não é comum ler um livro sobre a análise psicanalítica de alguém, ainda mais alguém com tantas questões existenciais, poéticas, filosóficas, etc. Algo que é seu mesmo lhe induziu a isso.

— Faz parte do olhar humano tentar definir algo à primeira vista.

Concordei sem exprimir concordância, isso era o mais difícil ao tratar dele. O que eu menos queria era demonstrar estar do lado dele. Ele precisava de alguém contrário a ele, chegávamos sempre a essa conclusão juntos: ele precisava do oposto.

— O problema, doutor, acredito que seja sustentar essa impressão sobre alguém. Pior, desrespeitá-lo e querer moldá-lo de outra forma, não ir a fundo sobre o que ele é. Peguei pavor de moldes, seminários, palestras que querem levá-lo a não ser você, mas uma cópia de um nicho específico, num fordismo barato. Aliás, nicho não rima com “lixo” à toa nesse caso!

— “Mas deve haver algumas palestras e seminários que você goste, não”? Quando ele ia concordar, completei: “então não generalize”. Ele se corrigiu acrescentando apenas “algumas”.

— Porém, foi a partir disso que me tornei o opositor número um dessas pessoas. Isso lamento mesmo, doutor! Pessoas que não veem indivíduos, mas sim grupos. “Gados”, por que não? Ainda que eu tenha me tornado isso, uma coisa ainda era latente em mim: tratar seres humanos como seres humanos, dignos de ter suas privacidades e particularidades. Eu não estou totalmente perdido, não é doutor?

— Claro que não. Nada é impossível, ainda mais algo tão mutável, maleável e adaptável como o ser humano.

Nessa última hora ouvindo-o percebi o ego de uma pessoa que gostava de observar os egos que odiava. Isso seria difícil de tratar! Não é a melhor analogia, mas como curar uma pessoa que gosta de estudar as doenças dos outros, sendo que quer suas curas? Constatei então que o fato dele estar ali era exatamente por não conseguir mais estar em outro lugar, em um lugar onde ninguém o ouvia. Apesar de seu vício ele precisava “dar um tempo” de tudo, uma pausa para todo amor que ele tentava regar pelas pessoas. Amor também esfria e se cansa. Precisa descansar para retomar as atividades.

O pobre rapaz estava mal, mas estava fazendo mal também. Infelizmente o gosto específico dele era muito tênue entre ser o que ele queria ser e o que não queria. Quando era ameaçado passava a não gostar mais das pessoas. Ele dizia ser de suas atitudes, no início poderia até ser, mas no estado em que chegou a mim não mais, ele já estava odiando pessoas. Precisávamos mudar isso, ele não queria odiá-las. Um sujeito que gosta de pensar coletivamente deve se adaptar ao “relacionar coletivo”. Ao menos o gosto pela coisa ele tinha, mas ainda assim não

seria fácil. Vi que meu desafio era tornar um pensador sobre o coletivo um atuante no coletivo.

— Então doutor, aliás, posso te chamar pelo seu nome?

Travei por um instante, não queria me aproximar tanto daquele rapaz. Eu não podia, nós nos confundiríamos muito. Disse-lhe que poderia me chamar de “doutor”, “você”, menos me chamar pelo meu nome, seria meu único pedido. Pelo menos por ora.

— *Okay*, “você”! Então, é isso que quero voltar a fazer: amar aos outros com esse amor incondicional que procuro dar existência. Quero relevar toda indiferença que plantaram em mim e que ainda plantarão, quero deixar isso de lado. Pelo meu jeito ser o de ouvir a todos, creio serem e sempre serão “meus ossos do ofício”, não é? Quem sou eu pra estar na condição de médico, mas acredito que minha cura seja não ligar pros que não querem me deixar ser eu e continuar a deixar eles sendo eles. Ou seja, quero estar acostumado a ser atacado constantemente, pois os deixo ser o que são. É ver que o que pra eles é a luta de tentar me convencer, para a própria rotina. Pequenices de seres que insistem em ser

piores que os outros, pois afinal, ninguém é melhor que ninguém, não é doutor?

— Acredito nisso também, mas sinto uma superioridade muito perigosa em sua fala.

Ele queria demonstrar ser humilde, mas seu intelecto me dizia o contrário. Maquiava muito bem o que seria aparente superficialmente, só não o que seria sub-inteligível (mas meu trabalho é esse, certo?). Não o conhecia antes disso, mas se em algum momento de sua vida não era assim, ele se tornou superficial, ao menos no seu tratamento social. O seu interior “visível”, o que alguns poderiam enxergar em poucos minutos de conversa, era confuso. Talvez ele fosse mais brilhante por sua confusão involuntária do que pelo que tentava organizar. Talvez. Não quero que ele saiba que eu o admirava em diversos aspectos. Ele não precisava ser só compreendido, precisava ser vivido.

— Quanto tempo você acredita que isso vai durar?

— Não sei, espero que não muito. Para sua melhora logo, certo?

— Eu já espero que muito. Muito dentro do que você espera ser pouco. Muito enquanto eu estiver assim.

Estou me sentindo bem e olha que é apenas o primeiro dia.

— Que bom!

Respondi-lhe olhando para o relógio que já passava das dezesseis horas. Queria ser seco mesmo e dar uma indicação temporal. Pessoas como ele, pescam muita coisa com pequenas palavras e ações, por isso também qualquer vacilo meu e ele estaria em minha mente. Então a confusão que estávamos a tratar, que era no momento só dele, se tornaria a de nós dois. Isso seria o caos, a própria loucura, caro leitor!

Depois de quase uma hora e meia conversando, partimos para o acerto de horários e melhores dias para fazermos sessões. Após algumas consultas em seu celular, o que pude notar que ele se organizava pontualmente, agendamos. Ficamos de nos ver diariamente com horários alternados, ele achara melhor. Tudo marcado, se levantou e foi embora. Ao levá-lo até a porta e vê-lo ir embora, sentia como se eu já fosse um experiente psicanalista e tivesse talvez meu “último caso” em mãos. Ridículo, ele era meu primeiro paciente desde que me formei. Achei estranho isso passar por minha cabeça. Por alguns

instantes eu tinha vontade de não querer atender mais ninguém a não ser esse rapaz que eu teimava em não me aproximar muito, principalmente por eu compartilhar de muitas suas dúvidas.